

## Comer lâmpadas

No teu corpo abrir todas as portas,  
erguer e destruir catedrais.  
Comer lâmpadas por amor,  
despedaçar os versos oferecidos,  
um a um, com os dentes, saboreá-los com a fruta do coração e da vida.  
Amar tudo o que é proibido, amar as rosas bruscamente,  
desfolhar então pétalas dentro da tua boca e trincar todas, todas as canções]  
[do mundo.

Chamar por ti para pôr fogo à cidade.  
Cobrir o corpo com livros para não ter frio, nem fome.  
Amar-te sobre todas as coisas. Por amor endoidecer e não voltar.

Nunca mais.

## Martelar nos dedos

Dói. Dói martelar nos dedos  
que escrevem até que as palavras deem flor;  
porque as palavras são mulheres em chamas ensaiando  
a dança da chuva nos olhos rasos do amor, do único amor.  
Por isso, as palavras são sinos dentro do poema, por isso  
os dedos que escrevem, escrevem a ternura e o terror da ternura;  
o coração martelado, o Norte das coisas.  
Assim, as palavras são sementes puras de boca-em-boca  
e então, dói. Dói tanto tocar Deus com a nossa vida. E, mais do que tudo,  
dói terrivelmente a Alegria. Tão ternamente,

Nascemos.

## Queimar versos

Por ti ponho fogo ao coração.  
E o que arde é esta vida despida,  
esta vida aberta de par em par sobre a palma das mãos,  
sobre a leveza tão pesada do mundo.  
E os teus cabelos azuis são pérolas incendiadas  
que eu beijo devagar,  
e o teu sexo preto e fundo um poema que eu toco com a mão assim aberta,  
um poema que eu beijo com a boca e com a língua;  
Palavra que sobe pura, intacta, dos corpos até ao céu,  
música de câmara tangida entre um homem e uma menina malvada.  
Minha criança mulher  
que de olhos fechados cantas a brancura dos versos,  
a brancura ofuscante da vida.  
Por ti ponho delicadamente fogo à vida e para que sejas feliz  
dou-te o meu coração para o partires com toda a tua ternura.  
Doida amante de todas estas horas só te peço,  
Oh!, só te peço,  
na hora de me traíres e abandonares,  
Põe fogo para sempre ao nosso amor.

E não voltes.

## Na ilha dos tesouros

Cheguei à ilha depois da guerra,  
depois do coração a ferro e fogo  
parti pedras com os dentes,  
cacei animais selvagens com o coração.  
Escrevi versos sublimes na tua cabeleira de sol entrançada.  
Caminhavas de pés descalços abraçada às roseiras,  
em cima das pedras falantes, chamavas por mim,  
enquanto eu esperava o comboio dos inocentes,  
a viagem ao país da alucinação e da poesia,

a carruagem da salvação onde por milímetros não entrei.  
Depois em tua memória amei e matei, matei e amei.  
Em tua memória,  
Esqueci-te.

## **E à sombra branca disse vens**

Eiá, Eiá, que vou para a morte – eu que me despessoalizei em seres que se despessoalizam, a morte no sobre-infinito de tudo e tudo isto talvez seja apenas um outro ser que se despessoaliza na vida Quem sabe? Murmúrios, lençóis que são a sombra do sono, eis-me deitado convaléscente Azuladas paredes brancas deste quarto de hospital onde escrevo o meu olhar e Sonho que estou aqui e estou Defronte sopra o vento a embalar tempestades, toco-me e toco-te, uma enfermeira que só a mim me é dado ver corre as nuvens nos cortinados, acende uma candeia e olha-me com ternura Vigia-me a febre, este lume a estalar nas tēmporas Vejo coisas estranhas que ninguém acredita até as sentir – canções do tempo em chaga-viva Doio-me Sorri a enfermeira não sei a que vulto; será para mim? Em sonhos vi derelance o mapa astral de Deus, o assombro ao relonge-longe bate um sino Quem se terá apaixonado Quem terá nascido para ele bater assim com tanta força? Que mão o puxará?

Entretanto visitam-me, dizem Vai pôr-se bom, mas eu não ouço, apenas vejo esta paz profunda que me escuta por dentro da escuridão e o cheiro a desinfetantes, flores, aroma a palavras, os meus óculos a espiarem o pó do chão Há quem sonhe com fogo e acorde com queimaduras nas mãos e um rosto que não conhece no espelho – Muito prazer, como vai? Ó eu Fernando Pessoa de mim que amam e procuram Ó eu de mil nomes e eis que agora os tambores nos nervos assobiam à morte e ela vem Dou-lhe as mãos como se as desses a uma criança Cantar Saber que não existe vida nem morte, mas algo entre- e –para-lá-de Palavras à solta como pessoas a escreverem a fogo o silêncio A veia cava Amor página tão página Ouço passos no corredor que ao tocarem no soalho fazem música, então chamo Ofélia? Ofélia? mas ning...

Se não soubesse quem é a enfermeira poderia assustar-me, pensar que fosse a morte ou algo realmente terrível, mas ela não é deste nem doutro mundo; abre um livro, sorri-me ao virar a página, lê, vira outra e um pássaro daqueles que aproveitam o vento para voarem mais depressa embate na vidraça e ela então

abre os olhos ligeiramente espantada Olá medo, como estás? O corrupio na rua, Portugal que escolheu para livro o mar, o afogamento, as esperas, a Espera Gente caminhando caminhando silêncios atravessando o silêncio Vento Céu que entra no quarto, o pôr da lua levanta-se, encadeia o rosto da enfermeira enquanto Eu sonho pérolas elétricas no coração de todos os seres e consome-se vai-se consumindo a candeia pingando petróleo para dentro da veia cava das coisas Ó silêncio escorre por mim adentro que eu tenho a minha boca na tua boca e uma gaivota a tecer janelas na minha respiração Olhos que se abrem para dentro doutros Olhos Alguém abre uma porta qualquer e a enfermeira vira mais uma folha do livro.

Gostava tanto que me engraxassem os sapatos debaixo de terra e um livro de viagens dentro da urna e já agora uma garrafa de água-ardente Levar a loucura até ao extremo e com os olhos lábios luz a sangrar Dizer-te que sei o amor e ele está comigo em todas as minhas artérias...estilhaços Escrever é ir com a solidão para o além dos seus limites, escavar o silêncio com palavras até dar flor e então ficar, Fico tão só que estou com universo inteiro ao mesmo tempo Isto: uma arca com os meus inacabados versos incandescentes para que se veja não as casas nem as florestas, mas o interior puro de lava da Terra.

Cerro os dentes de dor e canto Uma criança lá fora dentro do meu peito brinca com fantasmas e ouço, pressinto passos ressoando no interior das paredes é como se o meu sangue estivesse ligado à corrente elétrica do mundo-tudo me dói tudo TUDO! Aqui estou e recebo a morte Vem minha menina, vem em bruto nos meus dedos que tremem e dançam...todos os que amo estão comigo Ofélia- Mar- Mãe Dor tão funda que já não é dor É... eu sei, eu sei... Deus grita nos olhos das pessoas e elas amam e elas sonham Deus berra dança em transe nas minhas entranhas O calafrio, música, maestro, MÚSICA, que eu faço-me à morte e daqui mando um sentido beijo para todos vós O meu coração acelera e se bate com tanta pressa é porque sabe para onde vai e não tem tempo a perder É a Hora A enfermeira quer dizer não sei o quê, mas eu interrompo-a, faço um gesto, respondo a pergunta nenhuma, «Amanhã se vê» A janela abre-se, vem a brisa e a candeia apaga-se, mas sabendo sei que a escuridão a escuridão é apenas a luz em profundo profundíssimo silêncio Entro nela e calo-me

#### NOTA BIOGRÁFICA

Luís Carlos S. Branco nasceu em 1971. É licenciado em Línguas, Literaturas e Culturas pela Universidade de Aveiro. Ganhou diversos prémios literários e colaborou em diversas publicações. Ganhou o primeiro prémio do concurso literário José Estevão, em anos sucessivos, e tem esses trabalhos publicados nas respetivas coletâneas. Colaborou no espaço de divulgação literária *DN Jovem*, onde pontificavam nomes como José Luís Peixoto, Pedro Mexia ou José Tolentino Mendonça, onde publicou e foi premiado diversas vezes. Foi selecionada para a *Mostra Nacional de Jovens Criadores*, em 1998, na área da literatura, e em 1999, representou Portugal na área da Literatura na *Bienal Internacional de Jovens Criadores da Europa e Mediterrâneo*, realizada em Roma. Fez parte, nos anos 90, do movimento da Música Moderna Portuguesa, tendo sido membro de diversos grupos (*Ratos da Ria*, *Espírito Santo*, *Édevez*, entre outros). Frequentou *Oficina de Escrita Dramatúrgica*, em 2001, orientada por Luísa Costa Gomes, tendo sido o seu texto um dos quatro escolhidos para uma leitura encenada no Teatro Nacional São João, no Porto. Em 2004, foi selecionado para representar Portugal no *Festival Internacional de Peças em Um Ato*, ocorrido na cidade Holandesa de Breda. No ano seguinte, uma peça sua, representada pela companhia Het Slot Theater, e encenada por Hanna Buhda, fez digressão pela Holanda e Alemanha. Frequentemente atualmente Mestrado em Estudos Portugueses no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro e continua a dedicar-se à escrita literária e à composição de canções.